



Diretor- Redator-Chefe: Sebastião A. B. de Carvalho (ABI)

Vice-Diretora: Rosa Maria Werneck Rossi de Carvalho

DIVULGANDO A LITERATURA E AS ARTES PLÁSTICAS

ANO: 01

NOVA FRIBURGO RJ, 2 de outubro de 2014

Nº 01

Academia Friburguense de Letras festeja centenário de J. G. de Araújo Jorge

Entregues troféus aos vencedores do Concurso Nacional de Poesia J.G. de Araújo Jorge - Participação da União Brasileira de Trovadores - Destacada a atuação dos acadêmicos Robério José Canto (Presidente da AFL), Dilva Maria de Moraes (vice) e Tereza Cristina Malcher Campitelli - A Presidente da UBT Nova Friburgo apresentou poesias alusivas ao homenageado.



Acadêmicos que presidiram à cerimônia de premiação

INICIANDO nossas atividades jornalísticas em Nova Friburgo, a equipe do JORNAL CULTURAL DE NOVA FRIBURGO - JCNF compareceu à sessão solene da Academia Friburguense de Letras - AFL, realizada na noite de 26 de setembro.

FOI uma noite memorável, na qual a AFL, presidida pelo acadêmico Robério José Canto, fez a entrega de troféus e certificados a jovens e adultos vencedores do Concurso Nacional de Poesia J.G. de Araújo Jorge, saudoso e renomado poeta que em vida enalteceu, com sua importante obra, este município.

ATUALMENTE, a Academia Friburguense de Letras está passando por uma grande reformulação, para adaptar-se ao tempo presente. Atrair os jovens é um dos objetivos, expressos pelo Presidente Robério Canto, que citou o concurso de poesias como eficiente instrumento.

OS PREMIADOS

Categoria Infanto-Juvenil

3º Lugar = Gisele

2º Lugar = Nicole

1º Lugar = Yasmin

Categoria Adulto

3º Lugar = Renata

2º Lugar = Beatriz

1º Lugar = Lúcia Regina

Categoria Acadêmico

Prof. Ordilei Alves da Costa

Prof. Aécio Alves da Costa

CONTINUA...



PRESENCAS NOTADAS

Esquerda - A colunista social do jornal A NOVA IMPRENSA, Marly Pinel, esbanjando simpatia.

Direita - A vereadora Vanderléia Pereira Lima, representando a Câmara Municipal de Nova Friburgo.

Ambas participaram ativamente do evento



POETAS PREMIADOS PELA ACADEMIA FRIBURGUENSE DE LETRAS

Categoria Infanto-Juvenil



3º Lugar = Gisele

Categoria Adulto



2º Lugar = Beatriz



2º Lugar = Nicole



1º Lugar = Lúcia Regina



1º Lugar = Yasmin

OBSERVAÇÃO - O 3º Lugar = Renata, de São Paulo, não compareceu.

Categoria Acadêmico



Aécio Alves da Costa e Ordilei Alves da Costa

A Acadêmica **Tereza Cristina Malcher Campitelli**, (foto) além de participar da organização, desdobrou-se na apresentação dos vencedores do Concurso de Poesias JG de Araújo Jorge, realizada em 26 de setembro, 14. na sede da AFL. Na



foto, vemo-la ao lado do acadêmico Ordilei Alves da Costa, que, com o primo, Aécio, recebeu troféu e certificado por sua bela poesia

ELISABETH SOUZA CRUZ, presidente da UBT Nova Friburgo, que está dinamizando, teve destacada atuação na cerimônia de premiação das poesias vencedoras do Concurso de Poesias JG de Araújo Jorge, realizada em 26 de setembro, 14. na sede da AFL. Autora de várias publicações, inclusive o livro DO TANQUE AO JORNALISMO, a distinta poetisa, que é também jornalista, apresentou alguns poemas sobre o homenageado, premiados em concurso anterior. Uma dádiva para os presentes!



Mensagem do Diretor do Jornal Cultural



Jornalista Sebastião A.B. de Carvalho

Salina e Três Bicos, e NÃO Salinas e Três Picos!

QUANDO, na década de 1970, excursionávamos às terras do Distrito de Nova Friburgo onde se situam os Três Picos, hoje parque estadual, estranhamos que o local fosse chamado de SALINAS. Isto porque lá não víamos resquícios de sal, o que existe em abundância em Arraial do Cabo e Araruama!...

INDAGANDO antigos residentes, soubemos que o nome certo era SALINA, porque no passado distante o local fazia parte de uma fazenda que pertencia a uma SENHORA LINA. Ora, na roça, Senhora é Sá, logo, SA LINA!

CONVIVENDO com o pessoal de Salina, ouvimos muitas vezes eles se referirem às montanhas lá existentes como TRÊS BICOS, que se elevavam ao lado do CAPACETE.



VEIO a modernidade, e os doutos e professores houveram por bem corrigir os “erros” dos *roceiros*! Assim, SALINAS, que já estava na moda, firmou-se definitivamente, e as velhas montanhas deixaram de ser chamadas de BICOS, para serem batizadas com um nome mais apropriado, culturalmente correto: TRÊS PICOS!

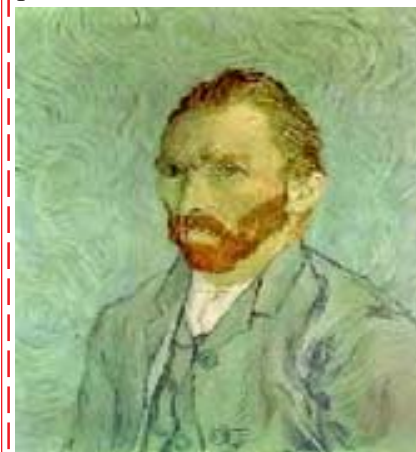
OUTRA mudança importante foi a criação do Parque Estadual dos Três Picos, com sede em Cachoeiras do Macacu. A antiga administração, cujo acesso é em Nova Friburgo, caiu em desuso, desde que criaram e incrementaram a de Cachoeiras...

SALINA perdeu importância, deixando de ser o local de onde se descortinavam os Três Bicos (ou Picos!), e de onde tínhamos acesso às montanhas.

COMO Salina (ou Salinas) é de Nova Friburgo, o parque criado em Cachoeiras de Macacu recebeu o nome de Parque Estadual dos Três Picos, que passou a ser acessado pelo outro lado!

RESULTOU que, hoje, temos dois locais bem diferentes: um com algo das características originais, que é Salina, com seus Três Bicos, e o outro, moderno, onde vivem em função do turismo...

Vincent van Gogh, mestre na pintura e na filosofia...



Estamos assumindo o extraordinário artista plástico VINCENT VAN GOGH como patrono de nossos trabalhos no âmbito das letras e das artes, tendo em vista não só a sua notável obra material, mas também o legado de suas considerações expressas em várias oportunidades. mostrando tratar-se de um Ser de alta envergadura espiritual.

van Gogh e a literatura

Muito do que é aplicável à abordagem de Van Gogh à arte é igualmente verdadeiro em relação à literatura. Isso é consistente com suas observações como “deve-se aprender a ler, do mesmo modo que se deve aprender a ver e a viver”. E apesar de sua afirmativa de que tinha “uma paixão mais ou menos irresistível por livros”, tratava-se novamente de mais que uma paixão, embora sentida profundamente. A Literatura estimulava seu desenvolvimento individual e a evolução de sua visão do mundo. Concluímos que Van Gogh usava trabalhos literários para buscar uma confrontação com o autor. Ele se descreveu para sua irmã Willemien como alguém que lia livros para buscar neles o artista que os tinha feito.

(Fonte: Van Gogh's Art Gallery - tradução: SABC)

Starry Night, de Vincent van Gogh



Noite Estrelada (Starry Night) por Vincent van Gogh elevou-se ao pico das realizações artísticas. Embora Van Gogh tenha vendido apenas um quadro em toda sua vida, o depois, de sua obra, é enorme!

Starry Night é uma das mais bem conhecidas imagens na cultura moderna, assim como tem sido uma das mais reproduzidas, vendidas e procuradas pinturas.

Notável é o sucesso da composição musical de Don McLean ‘Vincent’ (Starry, Starry Night), baseada na pintura do grande artista.

As telas de Vincent van Gogh são quase inestimáveis, e perduram, apesar do rumo que o modernismo imprimiu às artes plásticas. Mas a beleza forte e aomesmo tempo leve das obras do genial artista impõe-se a todos os bons apreciadores da arte e da beleza.

Atrações Turísticas de Nova Friburgo

Colégio Anchieta



Seus fundadores foram Padres e irmãos jesuítas italianos da Província Romana a partir do dia 12 de abril de 1886 atual Província Centro-leste do Brasil.

O Colégio começou a funcionar na casa-grande da antiga fazenda e sesmaria do Morro Queimado, conhecido pelos colonos suíços com o nome de “Chateau”, ainda usado pelo povo da cidade para designar o Anchieta.

O Colégio foi fundado como Internato para alunos de todo o Brasil.

Com o aumento do número de alunos, iniciou-se a construção do grande e majestoso edifício atual, no dia 1º de janeiro de 1901. Sua construção durou oito anos. O Anchieta logo se tornou famoso e conhecido em todo Brasil, pela excelente educação que dava a seus alunos.

Os professores eram todos Padres Jesuítas, mas, em 1922, com a diminuição dos padres vindos da Itália, foi preciso acabar com o internato e transformar o Anchieta em seminário, para a formação de Jesuítas Brasileiros. Em pouco tempo, o Colégio encheu-se de seminaristas que iam desde o seminário menor chamado Escola Apostólica, até a Faculdade de Filosofia.

Depois do Internato - (1ª fase), o seminário foi a segunda fase da história do Colégio.

A terceira fase começou em 1966, quando diversas classes seminarísticas se transferiram para outras cidades. Nesta terceira fase, o Anchieta se transformou em Externato, recebendo alunos não só de Friburgo, mas também das cidades vizinhas. Em 1969, o Anchieta passou a receber alunas, transformando-se em misto. Hoje, ao completar 123 anos de fundação, o Colégio tem 900 alunos, recebendo a mesma formação que o Anchieta sempre colocou como meta: excelência na formação humano-cristã e excelência acadêmica que levem seus alunos a serem transformadores da sociedade, para que esta seja mais justa e cristã. Para isso, ajuda também o meio ambiente externo do Colégio que é um verdadeiro parque ecológico, com o amplo espaço verde que o circunda.

Fonte: Sítio do Colégio Anchieta

Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira.

Sebastião Carvalho

“Em pouco tempo, o Colégio encheu-se de seminaristas que iam desde o seminário menor chamado Escola Apostólica, até a Faculdade de Filosofia” - informa o texto do sítio do Colégio, dando conta de que ali existiu, também uma Faculdade de Filosofia... Pois foi nessa Faculdade que ingressei no ano de 1962, cursando Ciências Sociais e formando-me sociólogo em 1965, ano em que a Faculdade se transferiu para São Paulo.

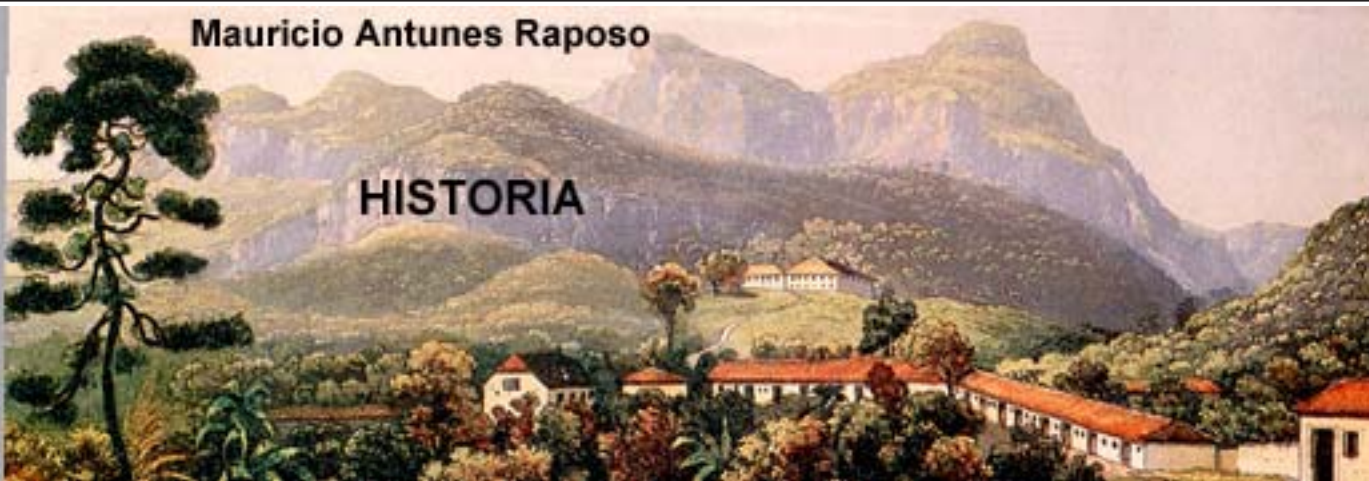
Estudar com os padres jesuítas de Nova Friburgo foi uma bênção que recebi, vivendo momentos de realização profissional e pessoal de valor inestimável!

As aulas eram divertidas e proveitosas, pois podíamos colocar dificuldades para debates sobre as várias questões suscitadas na sociologia e na filosofia. Tive acesso a defesas de tese filosóficas, feitas em latim... Um dos filósofos traduzia para mim, e eu, único não-seminarista, ia anotando, como vemos na foto abaixo... Um aprendizado muito dinâmico! E proveitoso para toda a vida!





Mauricio Antunes Raposo



História Regional *Prof. Maurício Antunes* **A IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM NOVA FRIBURGO – PARTE I**

Geralmente comenta-se pouco sobre a vinda e permanência dos alemães, e sua importância no processo de formação histórica de Nova Friburgo. Existem várias razões políticas e ideológicas para que isso aconteça, dentre elas, a construção, na década de 20, do “Mito da Suíça brasileira” que até hoje, enfatiza a fundação de Nova Friburgo por colonos suíços, de grande empreendedorismo, que vindos de várias regiões da Europa Central, disseminaram aqui as suas técnicas de cultivo e os seus valores familiares cristãos. Porém, se olharmos, em nossa cidade, a Igreja Luterana e o cemitério como contribuições materiais dos pioneiros alemães veremos que a história foi bem diferente.

Quando o pastor protestante Frederico Oswaldo Sauerbronn chegou, na então Vila de Nova Friburgo, com sua comunidade de, aproximadamente 286 membros, a maioria composta de mulheres e crianças, o Brasil havia decretado a sua liberdade perante Portugal e desfrutava de uma nova ordem constitucional, embora, nesse período inicial ainda houvesse resistência armada contra a nossa Independência em algumas províncias do Império.

A Carta Constitucional de 1824, outorgada pelo Imperador D. Pedro I, baseava-se nos moldes do Antigo Regime Europeu, isto é, na rigorosa centralização do poder imperial e na sólida aliança com a Igreja Católica Apostólica Romana. Por outro lado, no seu bojo, possuía algumas normas liberalizantes como a proibição de castigos cruéis e desumanos como aplicação da Lei penal e a liberdade de culto religioso, porém de maneira tolerada e vigiada pelo poder público. Portanto, foi nesse novo cenário político e jurídico que os primeiros alemães chegaram a Nova Friburgo para povoar uma colônia esvaziada pelos suíços e esquecida pelo governo central.

Todo esse esforço governamental em imigrar alemães para o Brasil significou uma estratégia militar para enfrentar as tropas portuguesas, ainda sitiadas nas províncias rebeladas. Assim, o então, Ministro de Estado de Negócios Estrangeiros José Bonifácio de Andrada e Silva, lançou mão de mercenários ingleses, franceses e alemães para constituir um corpo militar de estrangeiros que pudessem consolidar a independência diante de Portugal e também sufocar movimentos republicanos e separatistas paralelamente deflagrados no território nacional. Cabe ressaltar que o temor de rebeliões de escravos, por parte da comunidade

branca luso brasileira, impediu a convocação da população negra e mestiça em participar das lutas de independência.

Diante desse propósito militar, foi enviado como emissário do governo imperial brasileiro o major Jorge Antônio Schaffer que era diplomata e oficial prussiano. Sua missão era de buscar apoio à causa brasileira e de recrutar soldados alemães para os batalhões estrangeiros. Somado a essa missão foi instruído também, de promover o alistamento de famílias de agricultores e de artesãos, com o propósito de estabelecer uma colônia agrícola no Brasil. O objetivo era criar um núcleo agrícola produtivo, baseado na policultura e no minifúndio, para abastecer com produtos hortifrutigranjeiros a Corte e as províncias do Império. Vale lembrar que a economia do Brasil era caracterizada pela monocultura do açúcar, do algodão e posteriormente do café para a exportação, o que ocasionava uma enorme demanda de produtos de primeira necessidade.

Outro aspecto importante que envolveu os colonos trazidos pelo major Schaffer, foi o não cumprimento do contrato de migração, por parte do governo brasileiro, que estabelecia procedimentos para o transporte e estada dos colonos nas cidades que faziam parte do itinerário migratório. Também, foi convencionado que o destino dos colonos seria as colônias de Leopoldina e Frankental, localizadas no sul da Bahia e de propriedade do major Schaffer. Todavia, desconhecem-se os motivos que levaram o Império brasileiro a romper com o contrato de migração, embora se saiba que a sugestão de levá-los para a Serra de Nova Friburgo tenha partido do inspetor de colonização estrangeira da Província do Rio de Janeiro o Monsenhor Pedro Machado de Miranda Malheiros, que já possuía experiência anterior com a colônia dos suíços. Apesar desse contratempo, os colonos que não se engajaram no exército, permaneceram durante três meses e meio numa propriedade da família Imperial, na Armação Real da Praia Grande, atual cidade de Niterói, na espera de irem para o seu novo destino.

A chegada dos colonos, sua estada em Nova Friburgo e as desavenças com o poder eclesiástico local, serão brevemente comentadas na segunda parte deste artigo, a ser publicado na próxima edição do **Jornal Cultural de Nova Friburgo**.



NESTA página vamos abordar as vidas e obras de vultos que deixaram marcas positivas na vida do Município de Nova Friburgo. São pessoas que construíram exemplos dignificantes de amor à terra e ao povo, e que por esta razão devem ser para sempre lembrados com carinho, respeito e admiração.

VAMOS começar com dados sobre alguém que muito se dedicou a Nova Friburgo:

GALDINO DO VALLE FILHO

Prestigioso chefe político esteve o Dr. Galdino à frente da administração municipal, não só nesse período de dois anos, (07/01/1914 a 08/01/1916) como em outro de menor duração, sempre demonstrando sua alta capacidade administrativa, dirigida para as iniciativas úteis à coletividade. Governou por mais duas vezes, nos períodos de 21/04/1923 a 05/05/1923 e 03/01/1927 a 19/04/1927. Na interinidade destes períodos revelou sempre suas qualidades de administrador. (Fonte: Prefeitura Municipal).



Dr. Galdino do Valle Filho

Médico, nascido em Trajano de Moraes em 24 de setembro de 1879, começou a clinicar no interior

de Minas Gerais e depois veio para Nova Friburgo a fim de substituir o pai, que se mudou para o Rio de Janeiro.

Ingressou na política em 1911. Eleito vereador e presidente da Câmara, trouxe a luz elétrica (juntamente com o Conselheiro Julius Arp) e o Sanatório Naval para sua cidade.

Em 1912 conquistou seu primeiro mandato de deputado estadual, e em 1922 era deputado federal. Foi reconduzido três vezes, e interrompeu seu mandato para ser prefeito de Friburgo.

Na década de 1920, teve a ideia de “criar” o dia das crianças. Os deputados aprovaram, e o dia 12 de outubro foi oficializado como “Dia da Criança” pelo presidente Arthur Bernardes, por meio do decreto nº 4867, de 5 de novembro de 1924. Faleceu em Niterói em 11 de maio de 1961.

Fonte: www.contosdefriburgo.blogspot.com.br

Continuaremos publicando matéria sobre vultos ilustres de Nova Friburgo. Aceitamos colaborações que se coadunem com nossa linha editorial.

Simplesmente... nascer

Yasmin Abrahão Raposo

Nascido no verde,
vivido ao frio.
Tuas mãos ásperas,
transformaram-se em seda
ao tocar as brumas de uma vila só,
cuja beleza esculpida por alguém que nela poetizou.

Ah! Montanhas que tanto admiras,
suas formas relacionam-se ao amor sofrido:
começam pequenas e empenham-se a subir.
Chegam delicadamente ao topo.
Libertam-se, tocam os céus para, de repente,
caírem sorrateiramente ao chão.
E então, sentimos as lágrimas escorrerem,
mas as mesmas – belissimamente – não choram.

O trem, de que tanto falava,
ignorava sua fumaça mortífera
para lembrar-se da melodia contagiante soada de seus apitos.
Suspirava tão inocentemente
que a ingenuidade impregnou-se em seu ser.
Talvez a simplicidade.
A paz e a harmonia,
façam com que todos o enxerguem assim:
fruto de uma flor rubra,
que libera o próprio sangue a um homem apaixonante,
cujo corpo padece
mas sua essência permanece viva.

Ai de mim!

Escrever de forma tão simples,
sobre um homem decidido a espalmar as cifras e as belezas,
da perplexa exatidão das palavras.

Ai de mim,
por ter escrito apenas um ceticismo figurado,
para explanar uma mente que sentia,
com um coração que renascia
pela gratidão de simplesmente sonhar.

Ai de mim,
uma pequena projeção de sabedoria,
totalmente domada por um poeta morto,
que em meu corpo,
cria esperanças de ser mais uma alma viva,
onde a aura do cotidiano,
é purificada por sua poesia.



Yasmin, a jovem poetisa, primeiro lugar no Concurso da Academia Friburguense de Letras, com seus pais, Profs. Maurício e Cristina, e o irmãozinho João, na sede da AFL, logo após a solenidade.



Artes Plásticas

Com o tema “Flores e cores” a artista plástica friburguense, **THAIS TAVARES** está com exposição no SESC, que ficará até o dia 16 de novembro.

Estivemos com Thais, em sua loja de artesanatos, a **DONA EPHYGÊNIA**, situada no Cadima Shopping, conversando e fotografando para esta primeira edição do JCNF.



Thais em sua loja - Foto: SABC - JCNF

Nossa artista iniciou seus trabalhos no ano de 2001, mas já expôs em Nova Iorque e Nova Jersey. Também com suas estamparias em cangas, fez sua arte chegar a Bali.

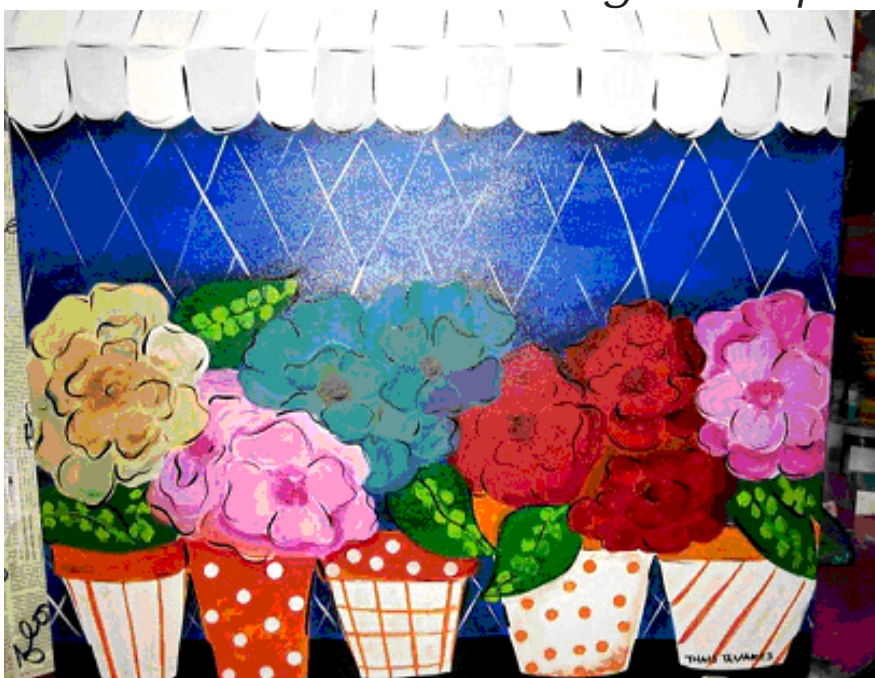
Segundo a artista, os trabalhos da exposição no SESC são inspirados na obra de Tarsila, que se caracteriza por conter muitas cores e flores, e são influenciados também pelas cores do consagrado pintor, escultor e serígrafo Romero Britto.

O regionalismo na obra de Thais segue, como dissemos, a linha da desenhista e pintora brasileira Tarsila do Amaral. Um belo exemplo de Pop Art.

Thais acentua que seu trabalho “está aberto a todos os públicos, desde os amantes da arte até aqueles que não tem contato com ela ou que não conhecem o meu trabalho”, afirmou.

A exposição “Nossas flores, nossas cores”, com curadoria de Grasielle Teodoro, tem entrada franca e vai até o dia 16 de novembro, de terça a sexta-feira de 8h às 17h., e de 9h às 18h aos sábados, domingos e feriados.

Algumas pinturas de Thais



Felga de Moraes, grande artista plástico

Para homenagear o esporte, o grande artista plástico de Nova Friburgo, **Felga de Moraes**, criou as esculturas em aço que vemos, no início da Via Expressa, entre os bairros de Olaria e Cônego. Situam-se próximo ao templo da Comunidade Cristã de Nova Friburgo, tendo, em último plano, a “Pedra do Imperador”, nome escolhido para homenagear a D. João VI, o fundador de Nova Friburgo.

Foto: Osmar de Castro



A Lição do Pé de Amora

A impressão que dava era a de que o pé de amora estava com seus dias contados. Desordenadamente crescido, sem viço, poucas folhas, em sua maioria, desbotadas. Os galhos, engrossados pelo tempo, sofriam com a total nudez.

E alguém sugeriu:

- Vamos arrancar este pé de amora, que só serve para jogar folhas velhas sobre o gramado!

Pensei muito, afinal, era como um filho que se cria com carinho... Não! Nada disso! Nada de arrancar! Vamos fazer uma podadura, um corte é sempre uma renovação.



Assim foi feito... Um corte transversal em cada galho e, em menos de quinze dias, novas folhinhas começaram a dar sinal de vida. Com um pouco mais de trinta dias, o vigor se evidenciava: as folhas se multiplicando, aumentando, verdejando, como que a vestirem os galhos para a festa da primavera que não tardaria.

Do pé de amora para o ser humano, é fácil fazer comparação, pois quantas vezes nos sentimos desbotados, desordenadamente crescidos, sem viço e, diante das intempéries, sofrendo a escassez das folhas novas?

É nesse momento, então, que precisamos de um corte! De uma podadura em nossos sentimentos para renovar a vida. Rever conceitos, elevar o pensamento para captar as energias positivas, disponíveis. Assim como a Natureza, nós também somos um sistema, cuja biodiversidade é um conjunto variado de vidas dentro da nossa própria vida: a vida profissional, a vida familiar, a vida social, a vida íntima, a vida sentimental e tantas outras vidas compõem a nossa particular existência e cabe a cada um cuidar de seu meio ambiente.

Avaliar os impactos negativos que nós mesmos produzimos em nosso mundo interior é um trabalho de constante vigilância. O peso, por exemplo, que advém dos sentimentos de rancor, sobre nossas encostas, pode causar desabamentos irreparáveis.

Uma avalanche súbita de orgulho produz uma queda estrondosa na capacidade de discernir. O desmatamento e as queimadas das reservas de valores deixam nossa terra imprópria até para o reflorescer das esperanças.

O excesso de aquecimento mental causa o efeito estufa. A liberação de RPN (Raiva e Pensamento Negativo) em nossa atmosfera impede que o calor humano flua e volte ao nosso encontro. Precisamos fazer um trabalho sustentável com o meio espiritual, de onde emerge o suprimento para o ambiente externo.

Mas por que essa biodiversidade interior é importante? Qual o valor dos cuidados com esse meio, quase oculto, em nós? Quais nutrientes temos agregado para que geremos bons frutos e boa sombra? Quais prejuízos resultam dos incêndios temperamentais das nossas reações? Quais lembranças deixaremos para as gerações futuras?

Essas e outras tantas perguntas podem gerar um fórum, com debates sobre a melhoria das relações humanas no dia a dia. E, se Ecologia é o estudo do lugar onde se vive, é, também, por extensão, o estudo da casa e, reflexivamente, o estudo do Templo interior. Nos tempos atuais, quando se fala tanto em energia alternativa, vamos desvendar e utilizar a mais preciosa de todas as forças: a energia renovável do pensamento positivo. A força capaz de gerar sonhos, boas ideias, emoções vibrantes e vontade de ser e de fazer feliz!

E eu, que vim falar apenas do meu pé de amora, acabei filosofando a vida...

Um poema de Elisabeth Segredo

Viver a vida é parte de um mistério
na encenação da qual somos atores...
Sem ter ensaio, sem qualquer critério,
misto de sombra e luzes multicores...

E, nesta vida, a sorte, em seu império,
traz dissabor, espinhos entre as flores...
Mas há segredos, sempre há um refrigerio,
há muita luz atrás dos bastidores!

Então... comece a desvendar segredos,
descubra o sol brilhando entre os seus medos...
e ante a tristeza não se entregue ao léu!

Ouvir estrelas no breu da tormenta
é o grande alento de quem se alimenta
do Pão da Vida... o Pão que vem do céu!

Do livro *Do Tanque ao Jornalismo* - pág. 21



Educação

Prof. Hamilton Werneck

O TELÉGRAFO E A INJEÇÃO

Reavaliando minha educação na infância, consigo produzir casos muito interessantes e aplicáveis à escolha profissional e avaliação da aprendizagem.

O contexto para estes dois fatos envolve uma vila do interior fluminense, uma estação de estrada de ferro e um posto de saúde em plena década de cinquenta.

Interessante que meu pai observava muito o futuro profissional. Pensava em atividades que o filho poderia desempenhar ao chegar aos dezoito anos. Trabalhando como agente de uma estação da estrada de ferro, gerenciando a agência, fazendo a contabilidade, despachando trens e mercadorias de um interior agropecuário, ensinou-me o alfabeto Morse e as habilidades que um telégrafo requer.

Aos dez anos de idade consegui manejar o telégrafo da estação, conhecia os perigos das descargas elétricas em caso de tempestade, dava licença para os trens e emitia os telegramas. Meu pai imaginava que aos dezoito anos poderia ser funcionário da Estrada de Ferro Leopoldina como um telegrafista.

Rapidamente o tempo passou e acabei usando mais o Morse em atividades escoteiras que na estrada de ferro. Atingindo a idade própria para uma contratação, os telégrafos estavam sendo desativados e os trens comandados por telefonia. Se me ativesse a esta meta, estaria desempregado antes de ser contratado. Pensamos, hoje, que muitas profissões podem acabar de uma hora para outra. Na verdade, muito cedo, aprendi que elas eram instáveis, embora nessa mesma época não acreditássemos que o ser humano chegasse à lua tão depressa!

Haveria ainda uma saída para a questão do emprego: fazer contabilidade no ensino médio e ingressar na estrada de ferro para seguir a mesma profissão do meu pai.

A vida naquela época demandava profissionais que não existiam. Não havia enfermeiros para aplicar injeções e, sim, práticos licenciados que manipulavam remédios, aplicavam injeções, embora nem todos conseguissem aferir a pressão arterial. Pois bem, aos dez anos de idade fui mandado ao posto de saúde procurar seu “Chiquinho”, o chefe do posto. Getulista de carteirinha, conservava o retrato do Getúlio na parede, era atencioso e já me esperava. Apresentei-lhe o desejo de meu pai: que ele me ensinasse a aplicar injeção. Pensando neste caso, com o olhar do século XXI, o absurdo invade qualquer pensamento, sobretudo numa época em que as associações de médicos querem chamar a si qualquer invasão a ser feita no corpo humano. Mas, àquela época, alguém que soubesse aplicar injeção poderia salvar vidas e quase não havia profissionais para esse fim.

Seu “Chiquinho” meu professor ensinou-me a aplicar injeções usando um travesseiro dobrado. Fez comentários e certificou-se de que já sabia desinfetar a seringa. O material do aprendizado foi levado de casa: seringa, estojo e pequeno suporte. Na tampa do estojo colocávamos álcool, sobre ela o suporte e, mais acima o estojo com a seringa, agulha e água. Acendendo-se o fogo, a água fervia e desinfetava os objetos. Foi feita a verificação do que chamamos de conhecimento prévio. Importava, agora, manejar a seringa, cortar a ampola e dosar o peso e movimento das mãos para aplicar a injeção. Detalhes importantes foram observados pelo professor naquele posto de saúde: após a introdução da agulha no braço do paciente devíamos puxar um pouco o êmbolo da seringa para ver se surgia sangue. Em caso positivo a aplicação deveria ser, imediatamente, suspensa.

Aprendi tudo isso aos dez anos de idade. À luz de nosso século seria um crime. Uma criança não deveria manejar seringas e nem pensar em aplicar injeções. A questão que justificava tudo isso era a necessidade. Numa época em que a sobrevivência dependia de quem sabia fazer, não

importando a idade e, na falta de legislação específica, a sociedade dava graças a Deus quando alguém, mesmo criança, soubesse alguma coisa.

Todos os dias as técnicas eram repetidas para fixar o processo. Tudo foi incorporado à minha memória semântica e está muito vivo até hoje quando este artigo é escrito. A cada dia o meu professor falava menos e observava mais. Restringia-se a pequenos comentários e ajustes. Por fim, informou-me que no dia seguinte faria uma prova final e me liberaria. Não me senti pressionado com esta prova. Afinal era repetir tudo o que fazia. O procedimento não seria alterado, a não ser num ponto crucial. No dia da prova não havia travesseiro e, sim, o braço do senhor “Chiquinho”! O comentário dele ecoa em minha mente: - eu preciso tomar uma injeção hoje. Como sei que você aprendeu, aplique-a em meu braço. Ao final elogiou-me: - você tem um jeito especial para aplicar injeções. Não senti dor alguma, você está aprovado.

Refletindo sobre esta prática, verifico que foram atendidos os requisitos da didática para uma boa aula, para a fixação da aprendizagem e para definir uma avaliação segura e sem ansiedade. Concluo que, se os professores de hoje, ao avaliar os alunos forem capazes de “entregarem os braços” e servirem de “cobaias” é porque confiam profundamente naquilo que ensinaram. E, como até hoje, tenho na lembrança a figura simpática do “Chiquinho” do posto e o reverencio, assim também os professores poderiam ser reverenciados pelos seus ex-alunos. Tinha, portanto, duas profissões aos dez anos de idade. Uma delas acabou oito anos depois; a outra nunca exerci porque a lei não permitiu. Mesmo sabendo fazer as duas coisas, aprendi que temos de estar aprendendo sempre porque as profissões mudam ou acabam.

Professor Hamilton Werneck é pedagogo, escritor e palestrante.

Nós e as profissões que acabaram

Prof. Sebastião Carvalho

À semelhança do que ocorreu com o Prof. Hamilton Werneck, em sua frustrada esperança de se efetivar como telegrafista da estrada de ferro, porque a função foi eliminada, também eu vivi situações relativas a duas profissões, a de tipógrafo e a de telegrafista (morsista).

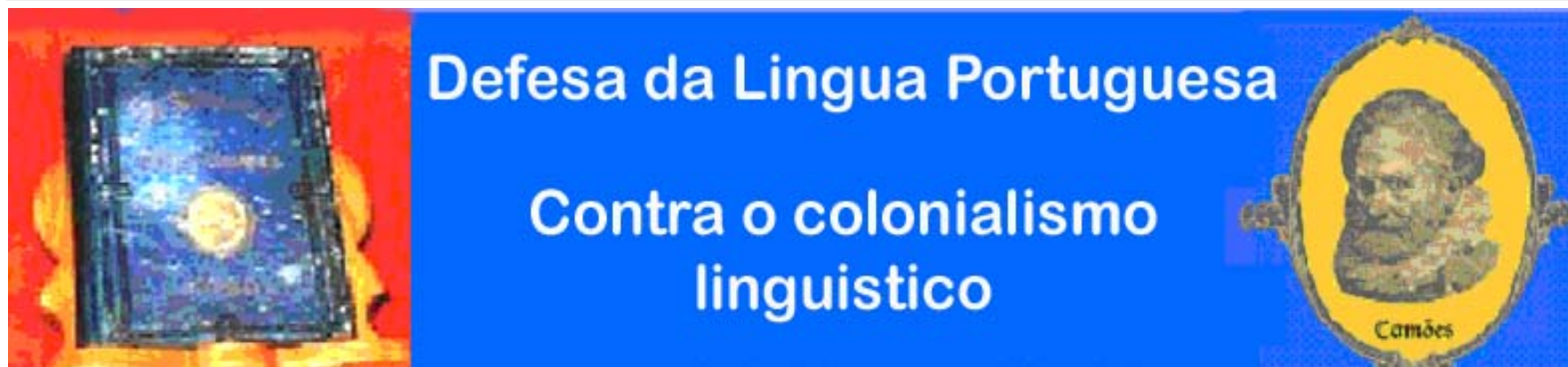
Tipógrafo foi a minha primeira atividade, exercida a partir dos 13 anos de idade na tipografia de meu pai, o jornalista Antonio Ferreira de Carvalho. Além dos serviços gráficos, editávamos o jornal O NOVO CANTAGALO, naquele município.

Trabalhei com papai até o ano de 1963, quando a família se mudou para Niterói, decretando o fim do trabalho de edição do jornal. Muito aprendi, porque juntava os ensinamentos da gráfica e do jornal, com as aulas do curso Ginásial. Foi nessa época que desenvolvi o poder de síntese, escrevendo pequenas notas para o jornal.

No início da década de 1960, logrei aprovação em um concurso nacional para telegrafista do Departamento dos Correios e Telégrafos - DCT, tendo aprendido Morse e estudado várias matérias. Foi a nossa independência econômica.

O tempo passou... A tecnologia teve um progresso alucinante, e ambas as atividades, Tipografia e Telegrafia abandonaram as antigas práticas. Os telegramas passaram a ser trabalhados via computador, ganhando tempo e precisão. O mesmo ocorreu com os serviços gráficos, que conheceram uma verdadeira revolução!

Assim é a vida! Até as mais antigas atividades estão sujeitas a grandes transformações! E sempre para melhor!



Estamos iniciando uma campanha a favor da preservação de nosso idioma pátrio, a Língua Portuguesa.

A pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos econômicos e políticos: é o idioma criado ou herdado pelo povo. *Olavo Bilac*

LÍNGUA PORTUGUESA

Uma jóia de Olavo Bilac, exaltando nosso idioma pátrio...

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...
Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,

E o arrollo da saudade e da ternura!
Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

O triste caminho de nosso idioma!...

QUEM ama e se preocupa com a Língua Portuguesa do Brasil assiste, desolado, à corrupção do idioma pátrio, fruto da ignorância geral, e do pragmatismo desenfreado e cobiça dos responsáveis pelos meios de comunicação

Para facilitar estrangeiros e ignorantes

Porque a escola primária parou de exigir que seus alunos aprendam VERBOS, e ainda para facilitar os estrangeiros que não conseguem flexioná-los, adotou-se a substituição do pronome NÓS pela expressão A GENTE!

Também porque não mais se ensinam as várias formas obliquas dos pronomes pessoais, ouvimos a miude barbaridades como: "Apreendi por SI mesmo!"

Outra, e muito grave: Os tecnocratas importadores de conhecimentos estrangeiros, em várias áreas, especialmente de *marketing*, introduziram e mantem em seus cursos, expressões que são frutos de traduções malfeitas, como: Vou estar fazendo...

Quando o correto seria: Vou fazer/farei.

Sobre o que se faz na Internet, o problema é assustador!

Ao invés de usarem palavras do nosso idioma, ou até de criarem novos termos, com as nossas regras, usam à vontade palavras estrangeiras. Alguns tentam se justificar dizendo que assim se comunicam melhor com o mundo. Há controvérsia sobre se isso vale!

Vejamos algumas palavras e suas correspondentes em Português que poderíamos usar...

Deletar =Apagar; Site =Sítio; on line = em linha; Download =Baixar; Upload = Carregar...

Onde estão as academias de letras, as faculdades, os profissionais que ganham a vida e até se tornam celebridades usando a Língua Portuguesa do Brasil? também as autoridades e demais responsáveis pelo nosso patrimônio cultural? Por que não cumprem o seu dever de proteger e zelar pela conservação e progresso do idioma pátrio?

Fazemos aqui um apelo para que nos unamos todos nessa missão patriótica.

UBT de Nova Friburgo consegue instaurar o Dia Friburguense de Amor à Trova: 21 de Outubro

Este jornal tomou conhecimento, através da jornalista Elisabeth Souza Cruz, Presidente da UBT de Nova Friburgo, que, por sua iniciativa, e com o apoio do vereador Gustavo Barroso, foi instituído, por Lei Municipal, o **Dia Friburguense de Amor à Trova**, uma justa homenagem ao grande trovador Rodolpho Abbud. Da Presidente da UBT recebemos matéria alusiva ao ato, que publicamos a seguir, acrescentando fotos do arquivo.



Rodolpho Abbud



Elisabeth Souza Cruz

Uma data para ser comemorada

21 de outubro é a data do nascimento do Magnífico Trovador Rodolpho Abbud, o eterno Presidente da União Brasileira de Trovadores - Seção Nova Friburgo. Ele foi incansável e, desde 1960, participou ativamente dos Jogos Florais. Para homenageá-lo, a UBT cria o Dia Friburguense de Amor à Trova. Com projeto apresentado pelo vereador Gustavo Barroso, em 24 de setembro de 2014, a Câmara de Nova Friburgo sancionou e promulgou a Lei Municipal nº 4339, que institui, oficialmente, o dia 21 de outubro como o **Dia Friburguense de Amor à Trova**.

A importância da Trova em Nova Friburgo

Em 1959, quando os poetas-trovadores Luiz Otávio e J.G. de Araújo Jorge idealizaram os Jogos Florais, escolheram Nova Friburgo para ser o berço desse movimento literário. A partir da primeira festa, realizada em maio de 1960, Friburgo passou a ser o Berço dos Jogos Florais, ganhando dimensão nacional. T tamanha foi a repercussão que, aos poucos, a cidade conquistou a devoção dos trovadores de outras localidades. De Norte a Sul do país, pelo encanto das montanhas, pela neblina, o friozinho gostoso e o povo acolhedor, Friburgo é também denominada de O Sol da Poesia, O Oscar da Trova, A Meca dos Trovadores e a mais “charmosa” seção da UBT. É o sonho de todo trovador (a) receber, ao menos uma vez, um prêmio em Nova Friburgo.

Praticando Trovas

A Trova é um “porta-joias” literário. Nela se guarda a riqueza dos trovadores: as ideias, os sentimentos, os percalços, os risos, as graças e tudo o mais que a inspiração lapidar no cotidiano. A prática da Trova, além de ser uma terapia, é uma oportunidade de ampliar os conhecimentos gramaticais da Língua Portuguesa, entre outros benefícios.

A UBT-Nova Friburgo tem sede no antigo Fórum – Sala Nádia Sanches Huguenin - Oficina Escola de Artes, na Praça Getúlio Vargas. Edita a coluna A Voz dos Trovadores, no Jornal A VOZ DA SERRA e apresenta um programa na Radio Nova Friburgo-AM, aos sábados, 20h.

Assim, nesse doce enleio,
vai um convite a você:
- Venha para o nosso meio,
faça parte da UBT!